
APONTAMENTOS SOBRE O LEGADO DA REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

POINTS ON THE LEGACY OF THE RUSSIAN REVOLUTION OF 1917

APUNTES SOBRE EL LEGADO DE LA REVOLUCIÓN RUSSA DE 1917

Marco Antonio de Oliveira Gomes

Marilsa Miranda de Souza

Márcio Marinho Martins

Resumo: O presente artigo retoma o legado da Revolução Russa como um marco significativo na luta dos trabalhadores de todo o mundo. A ação dos bolcheviques em outubro de 1917 inaugurou o século XX e constituiu-se em um marco na luta dos trabalhadores pela sua emancipação. A análise do processo revolucionário na URSS implica na compreensão das condições efetivas que buscaram romper com a lógica do capital, nas circunstâncias demarcadas pela Primeira Guerra (1914-18) e da Guerra Civil (1918-21) que se seguiu. Verifica-se, a partir das evidências práticas, uma série de conquistas que contribuíram para a superação de práticas de exploração dos trabalhadores. Discute-se a atualidade da revolução e a necessidade de rememorar sua história, os problemas enfrentados pelos revolucionários diante do caos gerado pelo czarismo e pela guerra e o legado da revolução de outubro.

Palavras chave: Revolução Russa; Bolcheviques; Capitalismo; Comunismo.

Abstract: This article takes up the legacy of the Russian Revolution as a significant milestone in the struggle of workers around the world. The action of the Bolsheviks in October 1917 inaugurated the twentieth century and was a milestone in the struggle of the workers for their emancipation. The analysis of the revolutionary process in the USSR implies the understanding of the effective conditions that sought to break with the logic of capital, in the circumstances marked by the First War (1914-18) and the Civil War (1918-21) that followed. From the practical evidence, there is a series of achievements that have contributed to overcome the exploitation practices of the workers. It discusses the actuality of the revolution and the need to recall its history, the problems faced by the revolutionaries in the face of the chaos generated by tsarism and war and the legacy of the October revolution.

Keywords: Russian Revolution; Bolsheviks; Capitalism; Communism.

Resumen: El presente artículo retoma el legado de la Revolución Rusa como un marco significativo en la lucha de los trabajadores de todo el mundo. La acción de los bolcheviques en octubre de 1917 inauguró el siglo XX y se constituyó en un marco en la lucha de los trabajadores por su emancipación. El análisis del proceso revolucionario en la URSS implica la comprensión de las condiciones efectivas que buscaron romper con la lógica del capital, en las circunstancias demarcadas por la Primera Guerra (1914-18) y la Guerra Civil (1918-21) que siguió. Se verifica, a partir de las evidencias prácticas, una serie de conquistas que contribuyeron a la superación de prácticas de explotación de los trabajadores. Se discute la actualidad de la revolución y la necesidad de rememorar su historia, los problemas enfrentados por los revolucionarios ante el caos generado por el zarismo y la guerra y el legado de la revolución de octubre.

Palabras clave: Revolución rusa; Bolcheviques; Capitalismo; Comunismo.

Introdução

Atualmente, mais do que nunca, as relações capitalistas apresentam-se em franca decomposição. Os retrocessos civilizatórios são cada vez mais evidentes nessa “nova ordem mundial”. Guerras,

genocídios, especulação financeira em detrimento da produção para atendimento das necessidades básicas do trabalhador, esgotamento de recursos naturais em nome do lucro, intervenções militares patrocinadas pelas potências imperialistas, intensificação da exploração do trabalho.

Nesse cenário de crise estrutural, com a cegueira dos interesses burgueses, os Estados se tornam cada vez mais intransigentes na defesa do capital, insensíveis às mais elementares necessidades da classe trabalhadora. Por isso, retomar os ensinamentos da Revolução Russa de 1917 constitui-se em um marco significativo na luta dos trabalhadores pela superação do capitalismo e construção de um mundo onde fosse abolida a exploração do homem pelo homem. Apesar da restauração do capitalismo a partir da década de 1950, o seu legado que não pode ser esquecido.

Não nos ocuparemos, aqui, das críticas formuladas pelos intelectuais comprometidos com a ordem burguesa ou pelos problemas que contribuíram para a restauração capitalista na URSS. Isso exigiria um espaço maior para análise, além de uma investigação de maior alcance. Nosso propósito é mais modesto. Buscaremos, aqui, inventariar e analisar o legado da Revolução de 1917, apontando para as questões que nos parecem mais relevantes a luz do materialismo histórico e dialético. Não se trata aqui de idealizarmos a Revolução, mas analisar, dentro das circunstâncias históricas, os caminhos trilhados pelos comunistas russos.

Assim, diante das limitações de um artigo, procuramos dividir a exposição em três aspectos: a) atualidade da revolução e a necessidade de rememorar sua história; b) os problemas enfrentados pelos revolucionários diante do caos gerado pelo czarismo e pela guerra; c) o legado da revolução de outubro.

A atualidade da revolução.

Iniciamos este trabalho com uma frase de Marx, que nos parece útil para pensar sobre o legado da Revolução Russa: **“Os homens fazem a história, mas nem sempre a fazem em condições por eles escolhidas”** (MARX, 2003, p. 7). Com isso desejamos afirmar que a análise do processo revolucionário implica na compreensão das condições efetivas que buscaram romper com a lógica do capital, nas circunstâncias demarcadas pela Primeira Guerra (1914-18) e da Guerra Civil (1918-21) que se seguiu.

Sem dúvida, trata-se de um processo caracterizado pela complexidade de romper com uma estrutura social atrasada. Essas evidências não se tratam de um aspecto menor quando consideramos que a produção de Marx e Engels indicavam para os limites de se construir o comunismo partindo de condições de incipiente desenvolvimento das forças produtivas.

Devido a ousadia do proletariado russo em uma aliança com os camponeses, que tomaram a história em suas mãos, o comunismo foi caracterizado pelo pensamento liberal e conservador como sinônimo de despotismo e opressão, ao mesmo tempo em que a experiência bolchevique sofreu toda sorte de ataques, calúnias e difamações pelos apóstolos do capital. Não era de se esperar outra atitude daqueles que, para continuar expropriando, necessitam colocar em dúvida a legitimidade das aspirações dos trabalhadores e a possibilidade de uma democracia proletária. A propósito, a burguesia tem se mostrado

muito ardilosa em ocultar seus verdadeiros interesses e fazer com que a classe trabalhadora os adote como se fossem seus.

Dessa forma, falar em revolução ou de superação do capitalismo virou tabu, inclusive no meio acadêmico. Questiona-se sobre a pertinência da categoria da luta de classes no mundo contemporâneo. Ora, em que momento da história do capitalismo se poderia falar em sua abolição?

Não por acaso, é possível observar que no âmbito da educação e dos meios de comunicação de massa, a transformação do tema da Revolução Russa em algo excêntrico, coisa do passado e superado pela “eficiência” do capitalismo. Por meio dessas práticas busca-se apagar da memória um fato incontestável: os trabalhadores organizados, de forma consciente, buscaram instituir um governo do proletariado.

É curioso, igualmente, que os intelectuais burgueses, tão preocupados com a defesa da democracia, silenciam para o fato de que quando a democracia liberal não interessa, a burguesia apela para o golpe. Cabe lembra-los o apoio das entidades empresariais ao golpe de 1964, além do apoio incondicional dos Estados Unidos. Mudaram-se os atores, mas o compromisso burguês com a democracia não passa de palavras vazias. Da mesma forma, quando os trabalhadores ao longo da história se organizam em defesa dos seus interesses, o capital não teve escrúpulos em apoiar o fechamento do Legislativo, controlar o judiciário, efetuar prisões arbitrárias, etc. Observemos o caso da Alemanha e da Itália no período pós Primeira Guerra. Que empresas patrocinaram os partidos de Hitler ou Mussolini? E o golpe do Chile em 1973? Quem financiou? Basta verificar na prática, sem recorrer a mistificações, que grupos apoiaram esses regimes. No entanto, ao longo da história, a burguesia procura fomentar nas fileiras do proletariado a ilusão de que todo projeto que busca eliminar a sociedade de classes tende a desembocar em tirania. Trata-se de uma guerra ideológica com objetivo de desqualificar as lutas pela emancipação dos trabalhadores.

Para a burguesia é essencial apagar da memória do proletariado a experiência revolucionária pelo fato de trazer lições importantes que podem instigar a classe trabalhadora a sentir sua força histórica, seu poder político e a possibilidade de superação das desigualdades de classes. Não por acaso, repete-se a exaustão que o capitalismo triunfou. “De fato, os defensores acrílicos da ordem estabelecida antecipam confidencialmente que não apenas o século XXI, mas todo o próximo milênio, está destinada a se conformar às regras da “Pax Americana” (MÉSZÁROS, 2003, p. 15). Em outras palavras, para os apóstolos do capital, a entidade do “deus mercado” venceu a disputa e nada mais nos resta, a não ser nos conformar.

Os que se sentiam vencedores com a derrocada dos sistemas políticos do leste europeu procuraram definir o triunfo como uma vitória final e definitiva da ordem estabelecida contra a ameaça subversiva da revolução, “o fim da história”, para usar um título que daria fama a Francis Fukuyama, por um trabalho produzido sob patrocínio da Fundação John M. Olin, financiadora de institutos e programas “destinados a reforçar as instituições econômicas, políticas e culturais sobre as quais se apoia a empresa privada”. (FONTANA, 2004, p. 414-415)

No entanto, as evidências concretas insistem em demonstrar que Fukuyama falhou em sua análise: o crescimento do desemprego estrutural, da pobreza, da criminalidade em diferentes regiões do mundo capitalista, e suas intermináveis crises são fatos incontestáveis. Por isso, acreditamos que a história

não tenha terminado e não é possível crer nas ilusões liberais que a sociedade há de ser eterna tal qual os desejos da burguesia. As lutas de classe não podem ser abolidas por decreto ou pela vontade da academia.

Dessa forma, do ponto de vista dos trabalhadores, a Revolução Russa, constituiu-se, no acontecimento histórico mais importante do século XX, além de ser o mais emblemático dos últimos cem anos. O aprofundamento da crise estrutural do capital só reforça a necessidade de sua superação, o que nos aponta para a atualidade da Revolução de 1917. E não é para menos. Excetuando-se a Comuna de Paris (1871), que teve duração efêmera, trata-se da primeira experiência de construção de um Estado socialista.

Para Hobsbawm (1995, p. 62), a Revolução de Outubro teve repercussões muito mais profundas do que a Revolução Francesa. Ela inaugurou a era contemporânea. Foi a oportunidade de o proletariado romper com as correntes que os prendiam aos proprietários, inaugurando uma nova página na história.

O sucesso dos bolcheviques deve-se ao fato de compreenderem que as privações intoleráveis abriram caminho para uma saída revolucionária, tanto pela tomada do poder econômico por meio da luta armada, quanto pela elevação da consciência do proletariado que passou a dominar a teoria revolucionária.

Fazer a revolução não implica somente em armar os trabalhadores com a “**crítica das armas**”, mas também em armá-los com as “**armas da crítica**”, ou seja, é necessário fazê-los compreender concretamente a realidade social, desnaturalizando as relações marcadas pelas relações de dominação de classe (MARX, 1977, p. 9). Afinal, “como o operário e o camponês pobre poderão entender a urgência da transformação da relação de dominação e extorsão quando eles mesmos estão arraigados no que têm que transformar?” (CARVALHO, 2005, p. 98).

No entanto, para que isso ocorra, é fundamental a compreensão de que a consciência de classe dos trabalhadores não nascerá de forma espontânea. É necessário superar as lutas meramente políticas que não alteram a estrutura social.

Os dirigentes, em particular, deverão instruir-se cada vez mais sobre todas as questões teóricas, libertar-se cada vez mais da influência das frases tradicionais, pertencentes a concepções obsoletas de mundo, e jamais se esquecer que o socialismo, desde que se tornou uma ciência, exige ser tratado, isto é, estudado, como ciência. A tarefa constituirá, a seguir, em difundir, com zelo cada vez maior, entre as classes operárias, as concepções sempre mais claras, assim adquiridas, e em consolidar de forma cada vez mais poderosa a organização do partido e dos sindicatos. (LÊNIN, 1979, p. 17)

Diante do exposto, percebe-se a importância do acesso ao conhecimento da teoria revolucionária por parte dos trabalhadores, principalmente em um momento que as relações capitalistas contribuem para concentração de riqueza cada vez maior nas mãos de poucos. Diante do exposto, o primeiro aspecto que devemos pontuar sobre o tema diz respeito a sua atualidade. Não se trata de mera erudição acadêmica ou excentricidade para ocupar as mentes dos alunos. Como um acontecimento, a experiência bolchevique apresenta-nos uma série de ensinamentos para a luta política travada aqui e agora. Conhecer a história das lutas operárias, independentemente de sua nacionalidade, possibilita tomar consciência das possibilidades de transformação da realidade concreta.

Nesse sentido, 1917 deve ser visto como uma etapa revolucionária que deixou um legado que não deve ser deixado de lado quando tratamos das lutas políticas dos trabalhadores. Com isso, não

queremos afirmar que tomaremos o nosso “Palácio de Inverno” tal qual os bolcheviques o fizeram em outubro de 1917, mas alertar que não haverá revolução sem um conhecimento da experiência revolucionária e da teoria revolucionária. Enquanto segmentos da esquerda optarem por um programa de conciliação e negarem a luta de classes, não haverá possibilidade de rompermos com o capitalismo.

Por isso, as palavras de Marx e Engels no Manifesto Comunista continuam válidas:

Os operários não têm pátria. Não se lhe pode tirar o que não possuem. Tendo o proletariado, primeiro, de conquistar o domínio político, de elevar-se a classe dirigente da nação, de constituir-se ele mesmo como nação, de constituir-se como nação, ele próprio é ainda nacional, se bem que de nenhum modo no sentido burguês da palavra. (MARX; ENGELS, 1998, p. 27)

Muitos poderiam objetar que a Revolução Russa ocorreu há muito tempo e não tem sentido estudá-la, o que implicaria em afirmar que qualquer ação que objetive superar o capitalismo seria anacrônica e desatualizada diante do atual cenário histórico marcado pelo suposto fim do trabalho e das classes sociais. Ora, a Revolução não é um programa de computador que é atualizado a cada nova geração, mas é um processo social determinado por uma série de fatores. Acrescente que é próprio do capitalismo um padrão de desenvolvimento que torna inevitável a exploração do trabalho e as crises. Nesse sentido, enquanto houver capitalismo, haverá exploração de homens e mulheres que nada tem para vender a não ser suas capacidades de trabalho.

Diante dessas considerações, podemos afirmar que apesar das especificidades, 1917 apresenta uma série de semelhanças com o momento que vivenciamos. Vamos aos pontos: a) atualmente a conjuntura é, sem dúvida, distinta da de 1917 e capitalismo contemporâneo em sua fase imperialista, apresenta um estágio cada vez mais avançado de putrefação, empurrando a humanidade cada vez mais em direção ao abismo da barbárie. Todavia, não podemos descartar similitudes. O capitalismo já se encontrava em sua etapa imperialista no alvorecer do século XX e, tal qual o momento que vivemos, o mundo já estava dividido entre nações opressoras e oprimidas. Da mesma forma que no passado, em cada região do planeta, também encontrarmos sociedades divididas em classes antagônicas; b) no período imediatamente anterior ao conflito armado de 1914, as competições entre as nações imperialistas chegaram ao ápice. O conflito mundial deixou um rastro de sangue com milhares de mortos, feridos e mutilados. Atualmente, vivenciamos uma crise sem fim: o desperdício de matéria prima e de mão de obra, a miséria que atinge milhões de seres humanos e o crescente desemprego são evidências que caminhamos a passos largos para a impossibilidade de sobrevivência da espécie humana em um futuro não tão distante.

Isto posto, não há alternativas dentro da ordem do capital. “O capital é irreformável porque pela sua própria natureza, como totalidade reguladora, é totalmente incorrigível” (MÉSZÁROS, 2005, p. 27). A questão da emancipação da humanidade passa necessariamente pela superação do capitalismo. Não queremos afirmar que esse quadro se repete mecanicamente tal qual 1917, mas é impossível não enxergar a essência marcada pela barbárie que continua presente na sociedade contemporânea. Por isso, os trabalhadores possuem uma tarefa histórica: ou superamos o capitalismo, ou não haverá futuro.

Por tudo o que foi exposto até aqui, entendemos que a etapa revolucionária de 1917 foi vitoriosa pelo fato dos bolcheviques terem compreendido as experiências revolucionárias anteriores, tais como a Revolução Francesa (1789), a Revolução de 1848, a Comuna de Paris e o Ensaio Geral de 1905. Os Bolcheviques, por meio de uma análise da realidade concreta, constituíram-se em um partido de trabalhadores e organizador dos mesmos. Assim, diga-se com muita clareza, o único partido que desafiou a política conciliatória do período foi o Partido Bolchevique.

Os bolcheviques venceram porque lutaram sob a bandeira vermelha e, [...] em nome dos soviets. Em última análise, os camponeses e operários russos preferiram apoiar os vermelhos contra os brancos, que, segundo pensavam, iriam confiscar e trazer de volta o czar, a pequena nobreza e os chamados boorzhoi (burgueses). Os vermelhos defendiam a revolução desejada pela maioria dos russos. E lembre-se, a Revolução Russa foi feita pelas massas e, durante seus dez anos iniciais, seu destino foi determinado pelas massas russas – por aquilo que elas desejavam [...] (HOBSBAWM, 1998, p. 264-265).

Dada as circunstâncias históricas e dos problemas intrínsecos da Rússia de 1917, a coragem desses revolucionários contribuiu para aglutinação dos operários, soldados e camponeses em torno de um programa que rejeitava as proposições burguesas. A ação dos trabalhadores urbanos, soldados e camponeses organizados nos soviets foi o motor da revolução de Outubro.

Do czarismo à guerra: um legado a ser superado.

Para compreendermos a dimensão do feito, basta recordarmos o período pré-revolucionário e o cenário do pós guerra civil na Rússia. Historicamente, a Rússia czarista foi um dos pilares da reação europeia. No início do século XX ainda era possível encontrar resquícios do regime feudal, mesmo já estando plenamente integrada a ordem capitalista. Segundo Hobsbawm (1995, p. 254), somente a partir do final do século XIX iniciou-se o processo de industrialização com caráter dependente dos financiamentos externos e, em geral, voltada para exportação. Desnecessário afirmar que as condições impostas pelo regime czarista permitiam a exploração brutal dos trabalhadores. Assim, a burguesia era pequena e subordinada tanto à estrutura social arcaica quanto ao imperialismo estrangeiro.

Clero e aristocracia pareciam viver em uma realidade paralela e continuavam explorando brutalmente os camponeses. A abolição da servidão, por exemplo, ocorrera somente em 1861 e o peso do passado feudal era considerável. É importante frisar que a população na época da Revolução contava com aproximadamente 160 milhões de habitantes, dos quais 100 milhões eram camponeses vivendo em situação de pobreza e sem acesso à terra. Bottmore alerta que no período “(...) não havia direitos constitucionais antes da Revolução de 1905, e também não houve muitos depois” (BOTTOMORE, 2001, p. 326). Dessa forma, a Rússia constituía-se no início do século XX em uma das nações mais atrasadas do continente europeu e dominada por uma monarquia absolutista.

Nesse cenário, ganhava contornos cada vez mais nítidos uma situação revolucionária. A Guerra de 1905, o desemprego nas cidades e a fome no campo tornava a vida dos trabalhadores um verdadeiro martírio. Trabalhadores ultrapassavam as greves meramente econômicas para atingirem o estágio das greves políticas e as manifestações de rua.

De acordo com Reis Filho,

Até a insurreição de 1905, a classe operária russa não tem direito a se organizar nem em sindicatos. Só daí em diante é que os sindicatos serão reconhecidos, mas o Estado conservará ampla margem de intervenção. As greves são proibidas, sob pena de prisão. A jornada de trabalho vai de 12 a 15 horas [diárias] e não há garantias de assistência social. Os salários são baixos se comparados à Europa, embora os operários russos trabalhem muitas vezes em níveis análogos de produtividade. Em algumas regiões, aliás, os salários continuam sendo pagos em gêneros. (REIS FILHO, 1989, p. 14)

Essa situação tornou-se insustentável com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Motivada pelos apetites imperialistas. A Rússia perdera cerca de 6,5 milhões de soldados. Sem dúvida, foi de longe o país mais devastado pela I Guerra: suas contradições sociais, seus impasses históricos eram mais agudos. O atraso econômico, cultural e social herdado do czarismo somavam-se as consequências da guerra civil, ocorrida entre 1918 e 1921, quando os russos tiveram que enfrentar a invasão dos exércitos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da França, da Itália e do Japão, além dos contras revolucionários brancos. Difícil imaginar tantos obstáculos ao desenvolvimento revolucionário, ainda mais que pudesse ser vitorioso.

Para os bolcheviques a revolução seria o rastilho de pólvora para a escalada revolucionária na Europa como estratégia de viabilização de construção do socialismo. No entanto, a revolução europeia, que se esboçou na Alemanha, Áustria e Hungria, foi derrotada e os bolcheviques tiveram a difícil tarefa de construir o socialismo em uma nação muito atrasada.

Dessa forma, não faz sentido simplesmente falar da direção política adotada pelo Partido Bolchevique e da formação da União Soviética sem analisar as condições materiais e concretas em que foi forjada a Revolução. Segundo Maurice Crouzet,

[...] em 1920, a produção do ferro fundido atingia apenas 2,4% do nível de 1913, a do aço, 4%; as manufaturas de algodão, 5%; de açúcar 5,8%; o valor das mercadorias manufaturadas entregues ao consumo é de apenas 1/8 do de 1912. Em consequência da mobilização e do desaparecimento na guerra de muitos operários, bem como da emigração para o campo de numerosos esfomeados, o número de operários diminuiu em 24%, no total, 37% nas estradas de ferro e 34% na construção civil. (CROUZET, 1977, p. 233)

Como as condições materiais eram extremamente adversas, um dos maiores problemas, senão o maior, era resolver a questão do abastecimento e da fome. Para uma população de 160 milhões de habitantes, faltavam combustível, alimentos e produtos manufaturados de primeira necessidade. Dessa forma, é importante ressaltar que a economia russa emergia em um cenário que precisava resolver uma série de problemas, além da alimentação, tais como a produção do que era indispensável para existência humana, equacionar a questão dos transportes, das epidemias e do inverno.

Até 1861 prevaleciam na Rússia czarista as relações feudais de produção. A pátria de Tolstói era um dos países mais atrasados da Europa, onde os camponeses podiam ser vendidos e comprados como gado, como coisas. A passagem do agrarismo para o industrialismo, após 1917, tinha de superar ainda a destruição industrial que a Rússia soviética havia sofrido durante a guerra civil e a intervenção armada estrangeira. Portanto, era imperioso construir, com base em modernas técnicas, a chamada indústria pesada, a única capaz de impulsionar o desenvolvimento da indústria leve, reestruturar a agricultura, elevar o bem-estar do povo soviético e aumentar a capacidade de defesa militar do país. (BITTAR; FERREIRA, 2011, p. 379)

Diante do cenário catastrófico pós-guerras, a organização econômica tornou-se uma das tarefas prioritárias. No entanto, como fazê-lo se o tabuleiro político da Europa apontava para o isolamento da Revolução? Dessa forma, a escolha colocava-se não entre uma democracia liberal ou uma não liberal, mas entre a sobrevivência da Rússia ou a sua desintegração. Quais possibilidades se abriam para os Bolcheviques? Em uma breve síntese, era necessário construir minimamente uma base material para a existência do Estado proletário e um cenário de ausência de quadros (trabalhadores qualificados) acompanhada por uma enorme massa de analfabetos. “Que opções tinha esse regime, que era, além disso, isolado e boicotados por governos capitalistas e estrangeiros, e preocupado com a expropriação de bens e investimentos russos pela revolução?” (HOBSBAWM, 1995, p. 370). Como se vê, os bolcheviques não encontraram as condições ideais para a atividade revolucionária. Acrescente-se ainda, havia os limites de construção do socialismo/comunismo a partir de uma situação de isolamento.

(...) O simples fato de a URSS não conquistar reconhecimento diplomático oficial de sua existência pelos EUA até 1933 demonstra seu estado de proscrito inicial. Além disso, mesmo quando o sempre realista Lênin estava disposto, e até mesmo ansioso, para fazer as concessões de mais longo alcance aos investidores estrangeiros, em troca de sua ajuda ao desenvolvimento econômico russo, na prática não encontrou quem quisesse. (HOBSBAWM, 1995, p. 366)

Dessa forma, desejamos apontar de forma muito clara para o significado do movimento revolucionário ocorrido em 1917, apesar dos encaminhamentos dados pelos bolcheviques diante dos problemas enfrentados. Sem a revolução de Outubro, o século XX teria uma outra dinâmica, e provavelmente, estaríamos em plena barbárie. Muito de nossas conquistas devem ser compreendidas em um cenário que a URSS representava uma alternativa ao capitalismo.

As transformações concretas, a educação e o legado da Revolução Russa e para os trabalhadores do mundo.

Até para os detratores da Revolução de Outubro, é evidente a transformação da Rússia de uma nação atrasada e agrária na potência industrial que se viu anos depois. A experiência revolucionária russa, mesmo marcada por uma série de contradições, demonstrou a possibilidade de construção de um mundo para além do capital. Não há dúvida que a Revolução de Outubro propiciou a modernização do país: em quarenta anos, a URSS transformou-se de um país essencialmente agrário e atrasado em uma grande potência industrial. Por isso, os eventos de 1917 e tudo que se seguiu devem ser compreendidos como um patrimônio dos trabalhadores de todas as nações. Assim, gostaria de elencar e comentar alguns aspectos do legado da Revolução de 1917:

1. Igualdade entre homens e mulheres;
2. Direito à anticoncepção
3. Matrimônio civil;
4. Serviço de saúde gratuito e universal;
5. Ensino gratuito e obrigatório;
6. Direitos das nacionalidades oprimidas;

Que fique bem claro, tais conquistas não foram dádivas que caíram do céu, mas desdobramentos de um projeto revolucionário forjado nas lutas entre a burguesia e o proletariado. Mesmo quando alguns desses direitos foram assimilados pelas democracias burguesas, deve-se levar em conta a existência da União Soviética.

Sobre o tema do ensino gratuito e obrigatório, lembremo-nos que a Rússia iniciou o enfrentamento do grave problema da instrução pública no momento em que contabilizavam os mortos e inválidos de guerra. Tratou-se de uma árdua tarefa em que não bastava simplesmente combater o analfabetismo, mas também a mentalidade burguesa ainda impregnada entre amplos segmentos da população russa. Dito de outra forma, a construção de uma escola que deixasse de transmitir os valores da burguesia, contribuindo para elevação cultural dos trabalhadores em geral.

Em um discurso pronunciado no III Congresso da Komsomol (União da Juventude Comunista da Rússia), em 2 de Outubro de 1920, Lênin afirmou:

(...) o quê e como aprender? E neste problema o essencial é que, com a transformação da velha sociedade capitalista, o ensino, a educação e a instrução das novas gerações, destinadas a criar a sociedade comunista, não podem seguir sendo o que eram. Pois bem, o ensino, a educação e a instrução da juventude devem partir dos materiais que nos têm legado a antiga sociedade. Não podemos edificar o comunismo senão é a partir da soma de conhecimentos, organizações e instituições, com o acervo de forças e meios e forças humanas que temos herdado da velha sociedade. Só transformando radicalmente o ensino, a organização e a educação da juventude, conseguiremos que os resultados dos esforços da jovem geração seja a criação de uma sociedade que não se pareça à antiga (a burguesa), a saber, da sociedade comunista. (LENIN, s/p. 1920)

Ressaltamos que na terceira tese sobre Feuerbach, Marx assegura que “a doutrina materialista sobre a mudança das contingências e da educação se esquece de que tais contingências são mudadas pelos homens e que o próprio educador deve ser educado” (MARX, 1978, p. 52). Nesse sentido, a educação constituía-se em um aspecto estratégico para superação dos valores burgueses, buscando formar a consciência de classe entre os trabalhadores. Ao analisar o problema da razão pela qual o proletariado em geral se impregnou com a ideologia burguesa, quando não é conduzido adequadamente, Lênin afirmou: “Pela simples razão de que a ideologia está estruturada de muitas formas, porque dispõe de meios de difusão incomparavelmente mais numerosos” (apud PONCE, 2001, p. 179).

Enfrentando grandes obstáculos materiais, Lênin e os bolcheviques tinham convicção que a manutenção da independência nacional, intelectual e produtiva passava pela elevação do nível cultural dos trabalhadores. Pistrak aponta para a importância da educação no processo revolucionário.

Desenvolver a educação das massas, condição da consolidação das conquistas e das realizações revolucionárias, significa fazê-las compreender seus interesses de classe, as questões vitais e urgentes que derivam da luta de classes, significa dar-lhes uma consciência mais clara e mais exata dos objetivos sociais da classe vitoriosa. A revolução e a escola devem agir paralelamente, porque a escola é a arma ideológica da revolução. (PISTRAK, 2011, p.24).

Como se vê, tratava-se de pensar a educação escolar vinculada à luta política revolucionária. Era imperativo superar em todas as trincheiras os resquícios da antiga ordem, e, ao mesmo tempo, ampliar a produção agrícola, por meio de técnicas produtivas amparadas no conhecimento científico e tecnológico (BITTAR; FERREIRA, 2011).

Diante das tarefas históricas colocadas pela revolução, Lênin retomou as proposições de Marx a respeito da educação, empenhando-se para sua efetivação no VIII Congresso do Partido Comunista (bolchevique), realizado em março de 1919:

- 1- Atuação da instrução geral e politécnica (o que faz conhecer em teoria e em prática todos os ramos principais da produção), gratuita e obrigatória para todas as crianças e adolescentes dos dois sexos, até os 17 anos de idade;
- 2- Plena realização dos princípios da escola única do trabalho, com o ensino na língua materna, estudo em comum das crianças dos dois sexos, absolutamente laica, livre de qualquer influência religiosa, que concretize uma estrita ligação do ensino com o trabalho socialmente produtivo, que prepare membros plenamente desenvolvidos para a sociedade comunista” (apud MANACORDA, 1996, p. 314-315).

Assim, a política educacional promovida pelos bolcheviques combateu decididamente o analfabetismo, edificou bibliotecas públicas organizando um amplo acervo de livros, eliminou a velha escola czarista pautada em conteúdos religiosos e desenvolveu uma pedagogia amparada nos pressupostos marxistas de articulação do trabalho socialmente útil com a ciência como meio de valorização do trabalho como produtor da riqueza e do próprio homem.

Se a modernização pode ser identificada como “progresso”, é impossível negar que a Revolução Russa foi geradora de progresso, e não apenas em termos econômicos. A transformação de um país largamente analfabeto em um estado moderno, com altos níveis de educação e pesquisa científica, não é sem dúvida um detalhe trivial. Para milhões de pessoas isso significou escapar da escuridão e da ignorância, perspectivas de avanços sociais e abertura de novos horizontes culturais. (AGOSTI, 2003, p. 13)

Como decorrência das lutas travadas pelos revolucionários bolcheviques, cabe ressaltar também a liberação da mulher ao longo do processo revolucionário no âmbito do trabalho e da educação. Ressalte-se que algumas profissões eram majoritariamente ou apenas ocupadas por homens. Assim, medicina, engenharia e ciência de um modo geral, deixaram de ser áreas exclusivas dos homens.

No entanto, para além dessas conquistas, gostaria de apresentar outras evidências históricas que demonstram que a existência da União Soviética impediu a vitória da barbárie no século XX.

Em primeiro lugar, merece destaque a participação decisiva dos soviéticos na vitória sobre o Nazismo. A vitória soviética nos campos de batalha da Segunda Guerra foi de absoluta importância para nossa sobrevivência, algo que é apagado pela produção cinematográfica norte americana e pela historiografia comprometida com os valores burgueses, que também ocultam que a Alemanha reconstruiu-se militarmente com o apoio do capital financeiro da Inglaterra, França e EUA, com o propósito de aniquilação da URSS. Não nos esqueçamos que empresas norte americanas, tais como Coca-Cola, Ford, IBM e General Eletric fizeram negócios com os nazistas.

De fato, entre 1941 e 1943 o mundo esteve a um passo de mergulhar na barbárie. A vitória soviética sobre os alemães foi imortalizada por Carlos Drummond de Andrade. Aqui, pedimos licença para apresentar apenas um trecho, que nos parece significativo:

Stalingrado, quantas esperanças!
Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!
Que felicidade brota de tuas casas! De umas apenas resta a escada cheia de corpos; de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.

Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem trabalho nas fábricas, todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços negros de parede, mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol, ó minha louca Stalingrado! (...)
(ANDRADE, 1997, p. 128)

De fato, se até o momento a Alemanha tomava iniciativa, a partir de fevereiro de 1943, o cenário da guerra estava modificado. A vitória épica dos soviéticos torna-se mais grandiosa se considerarmos as condições miseráveis que foram superadas para construção do Estado soviético. “As lutas heroicas do exército e do povo soviéticos constituíram uma contribuição decisiva para a vitória dos aliados contra o fascismo. A guerra custou à URSS cerca de vinte milhões de vidas e uma devastação indescritível”. (BOTTOMORE, 2001, p. 365)

Sem dúvida, a batalha contra a ocupação alemã, passando por Stalingrado e outros combates lendários, é um dos maiores feitos militares da história que não pode ser explicado sem levar em conta as transformações ocorridas com a revolução. Para Hobsbawm, a transformação de um país em grande parte analfabeto na moderna URSS, foi por quaisquer padrões, um feito impressionante (1995, 373). Dito de forma mais clara, o fato dos bolcheviques terem tomado as terras e fábricas das mãos daqueles que exploravam os trabalhadores, possibilitou que uma nação agrária e arrasada pela primeira guerra e guerra civil se tornar uma potência mundial em um tempo reduzido.

Se fosse “apenas” a vitória contra as forças nazifascistas já seria épico, mas não podemos nos esquecer de outros aspectos, tais como o papel da URSS no processo de libertação nacional de nações da África e Ásia até então dominadas pelas nações capitalistas da Europa. A própria experiência da revolução cubana seria impossível sem a URSS.

O Estado de Bem Estar, em meu entendimento, também se constituiu em uma resposta do capital diante da “ameaça” do “perigo vermelho”. Hobsbawm afirma que a Revolução “assustava e obrigava os ricos a concederem alguma prioridade aos interesses dos pobres” (1998, p. 266). Em poucas palavras, o Estado de Bem Estar buscou apaziguar as lutas de classe cooptando as lideranças do proletariado por meio de uma rede de proteção social, que passou a ser questionada com a crise estrutural do capitalismo, iniciada nos anos 1970, e com a queda da URSS. Assim, do ponto de vista do proletariado, o fim da URSS foi uma tragédia. O mundo ficou muito pior para os trabalhadores. É curioso verificarmos que o “mantra” da necessidade do corte de gastos sociais e da flexibilização das leis de proteção do trabalho tenham ganhado força concomitantemente com a restauração do capitalismo na URSS.

De nossa parte, não vemos a existência histórica de um Estado de Bem Estar no Brasil, ainda que muitos enxerguem a legislação construída na “Era Vargas” como sua manifestação em terras tupiniquins. Porém, é importante observarmos que o discurso da eficiência, flexibilização e de abertura ao capital tenha adquirido força nos anos 1990. Atualmente, esse processo ganhou contornos dramáticos com o desmonte do Estado em benefício do mercado. Nunca foi tão evidente a colocação de Marx e Engels: “O executivo do Estado moderno não é mais do que um comitê para administrar os negócios coletivos de toda a classe burguesa” (1998, p. 7).

Outro aspecto que merece atenção é recrudescimento da escalada intervencionista do imperialismo no mesmo período, ameaçando a todos, incluindo a América Latina. Trata-se do

desdobramento da hegemonia do EUA, reforçada com o desmantelamento da URSS. As intervenções no Iraque, Afeganistão, os bombardeios na Síria, as ameaças à Coreia do Norte ou a Venezuela são exemplos trágicos de um mundo onde o imperialismo norte americano decide pomposamente aqueles que são terroristas e quem deve sofrer intervenção militar.

Desde a queda do muro de Berlim, voltamos a viver em uma era de genocídio e de transferências compulsórias e maciças de populações com as que ocorrem em regiões da África, do Sudeste da Europa e da Ásia. Estima-se que ao final de 2003 havia cerca de 39 milhões de refugiados, dentro e fora de seus próprios países, cifra que é comparável ao vasto número de pessoas deslocadas ao final da Segunda Guerra Mundial. (...) A guerra do Iraque confirma essa característica: guerras menores, nos padrões do século XX, provocam vastas catástrofes. (HOBSBAWM, 2007, p. 45).

Como se vê, é o imperialismo em sua nova versão, mas com a sua velha essência e ferocidade. Apesar de muitos proclamarem atualmente sobre o “fim do trabalho”, é importante que se diga que a produção é realizada pela maioria, que necessita vender sua força de trabalho para receber migalhas, mas a apropriação dos bens é feita por uma minoria, que controla os meios de produção. Sem tempo para sutilezas, esse processo é equivalente à rapinagem, a exploração, ao saque e opressão sobre a classe trabalhadora. Tudo em nome da modernidade e globalização, que é a forma eufemística de legitimar a dominação.

Nos últimos decênios, tornou-se cada vez mais claro o domínio do capital financeiro e internacionalizado sobre a economia mundial. O capital, sob controle dos grandes bancos, controla todas as esferas da produção, além do comércio, impondo sua agenda com o sacrifício da classe trabalhadora. Não por acaso, utiliza de diferentes instituições para legitimar e justificar seu domínio: Nações Unidas, FAO, OMC, OIT, Banco Mundial, FMI e quando tudo isso não é suficiente, a linguagem do imperialismo é a intervenção militar.

Por isso, as contradições crescem de forma assombrosa. É cada vez mais cristalino que o capitalismo é inconciliável com a emancipação humana e com a preservação do meio ambiente. Ao enxergar tudo como um grande negócio, o capitalista transforma educação, ciência, florestas, cultura, conhecimento em mercadoria que se pode vender, o que em breve pode custar um preço muito caro para a sobrevivência da espécie humana no planeta. No entanto, nada disso perturba a boa consciência da burguesia.

Considerações finais.

Assim, por tudo o que foi dito, uma revolução se impõe como tarefa histórica. E apenas um sujeito social será capaz conduzi-la: trata-se do proletariado. Nesse sentido, o tema da Revolução Russa é mais do que atual, principalmente diante do cenário contemporâneo marcado pela militarização das escolas, pela intimidação de professores ocorridas por forças conservadoras, pela mercantilização de todos os aspectos da vida, do desmonte da educação pública e da censura cada vez mais feroz aos que ousam falar em marxismo ou revolução.

Diante das circunstâncias de nossa luta, não podemos acreditar que os trabalhadores se identifiquem como classe antagônica da burguesia e lutem espontaneamente pela superação do capitalismo. Por isso, em nosso trabalho cotidiano, precisamos discutir e trabalhar com aqueles segmentos que se identificam enquanto classe, para que em um segundo momento busquemos congregiar forças e trazer para as nossas trincheiras novos elementos que tenham a consciência proletária.

Os trabalhadores do mundo inteiro precisam ter consciência que a exploração do trabalho e o domínio do capital é cada vez mais internacionalizado. Por isso, a luta não pode ocorrer apenas dentro das paredes da escola, da universidade ou das fronteiras de cada Estado. Se o capital tornou-se internacionalizado, as lutas da classe operária também devem partir dessa premissa.

Apesar de todas as adversidades que enfrentamos, creio que seja imprescindível nos posicionar. É necessário que aproveitarmos todas as brechas existentes e utilizem os espaços disponíveis. Não resta dúvida que se não nos organizarmos para superar a sociedade existente, estaremos condenados a nos contentar com as mazelas produzidas pelo capital. Não nos contentamos com migalhas de projetos assistencialistas. Desejamos uma vida plena para todos.

Calar diante da crescente barbárie significa aceitar a continuidade da dominação burguesa. A riqueza da experiência revolucionária russa deixou-nos um importante legado que não deve ser esquecido jamais. Assim, nada mais atual que o conselho de Marx e Engels (1998): **Proletários de todo mundo, uni-vos.**

Referências

- AGOSTI, Aldo. Balanço dos comunismos europeus. In: MAZZEO, Antônio Carlos; LAGOVA, Maria Izabel. **Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro, Record, 1997.
- Bittar, Marisa; FERREIRA Jr., Amárico. **A educação na Rússia de Lênin**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 377-396, 2011.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CARVALHO, Máuri de. Lênin, educação e consciência socialista. In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (Orgs.) **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas: Autores Associados, 2005.
- CHAVES, Eduardo O. C. O liberalismo na política, economia e sociedade e suas implicações para a educação: uma defesa. In: LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís. **Liberalismo e educação em debate**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- CROUZET, Maurice. **A época contemporânea: o declínio da Europa. O mundo soviético**. Rio de Janeiro – São Paulo: Difel, 1977.
- FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.
- HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. Podemos escrever a história da Revolução Russa? In: HOBSBAWM, Eric **Sobre história**: São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LÊNIN, V. I. As tarefas das uniões da Juventude. Discurso pronunciado por Lenine no III Congresso da Komsomol (União da Juventude Comunista da Rússia), em 2 de Outubro de 1920. Disponível em < <http://www.marxistsfr.org/portugues/lenin/1920/10/02.htm> > acesso em abril de 2016.

LÊNIN, V. I. **Que fazer?** São Paulo: Hucitec, 1979.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte.** São Paulo: Centauro, 2003.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel** – Introdução. In: Temas de Ciências Humanas, nº 2, São Paulo, 1977.

MARX, Karl. **Teses contra Feuerbach.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista.** São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, K.; ENGELS, F. “La Ideologia Alemana” In: _____. Obras Escogidas. Tomo I. Moscú: Progreso, 1974.

MÉSZÁROS, Isteván. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MÉSZÁROS, Isteván. **O século XXI: socialismo ou barbárie.** São Paulo: Boitempo, 2003.

PISTRAK, M.M. **Fundamentos da Escola do Trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PRIETO, José Ricardo. O país das bibliotecas. **A nova Democracia**, Ano I, nº 10, junho de 2003.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes.** São Paulo: Cortez, 2001.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Russa: 1917-1921.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

Recebido em: 30/09/2017

Aprovado em 15/10/2017